

Big Brother Brazil e a Psicanálise *

Edelyn Schweidson

Resumo:

Big Brother Brazil é versão brasileira dos “reality shows” televisivos onde a devassa de subjetividades é chamariz. Crescentemente, territórios subjetivos são anexados a espetáculos caricatos em que se agrava a barbárie de um socius onde a sobrevivência depende da eliminação dos demais. A psicanálise foi chamada a referendar tais distorções. Pergunta-se se a teriam anexado ao campo concentrionário televisivo.

Palavras-chaves: Big Brother Brazil; psicanálise; voyeurismo; barbárie.

Meu sobrinho diante da televisão, olhar siderado de quem cego para o mundo. Vou ver do que se trata: há na tela um moço que insulta sem tréguas a uma moça, como se prisioneiro de um papel de destruidor. A moça parece quebrar: senta-se numa poltrona desfeita em soluços, e repete sem fim que ele lhe chamara de piranha. Como se a experimentar por dentro essa piranha que o moço lhe atirava. Tateia-se na nomeação que diz machucá-la? Ao falar, palavrões pontuam suas frases, tudo em câmera lenta, as palavras viscosas permanecendo em sua repetição. Será que a moça quebrou afinal, será que o insulto a fez acordar e sair do papel em que se representa? Terá sido por sua recém descoberta humanidade enfim? Ou finge que quebra para se dizer vítima, angariar votos, simpatias, e apontar um dedo a seu detrator? Afinal, só um dos dois sobreviverá. E são os outros membros do júri, telespectadores

incluídos, os que decidirão a quem eliminar. O convite a todos, aos de dentro e aos de fora da tela, todos crescentemente anexados aos domínios expansionistas do programa, é para participar de assassinatos. A câmera faz um close up interminável, parece que sensual acompanha o desmoronar da moça. Tudo é muito lento, repetido, a moça que acusa o moço, o moço que acusa a moça, a câmera que se arrasta imóvel, talvez fascinada, na mesma cena. Nada passa, congela-se um horror.

Procuro saber do que se trata. É o programa Big Brother Brazil que faz sucesso também entre nós, importado que foi da Europa. No consultório ouço referências. Jovens e adultos empolgados acompanham o desenrolar como se a capítulos de uma novela ou a campeonato de futebol. E descubro que são pessoas colocadas juntas para que “convivam” por 45 dias, sem que se tenham conhecido previamente, expostas ao público televisivo em todos os segundos que compõem cada dia, e devendo tentar eliminar-se umas às outras, porque para ganhar quinhentos mil reais tem-se que ser o único sobrevivente desta selva “convivial”. Os telespectadores se sentem co-autores dos acontecimentos, chamados que são a julgar a quem eliminar, e a se tornarem potenciais astros de televisão se a isto se dispõem. Um psicanalista, dizem-me, escolhe os participantes, não sei por quais critérios. Apregoa-se que qualquer um pode ser escolhido assim como se diz de qualquer um poder tornar-se presidente nos Estados Unidos. Faz lembrar o guri da canção do Chico, que realiza seu sonho de virar notícia quando assassinado aparece nos jornais. “Olhai é o meu guri...”, chora desconsolada sua mãe. Mas no Big Brother não se chora quando alguém é eliminado, o luto é desconhecido pelo espetáculo que o cria, e tudo é festa e sua notícia. Celebra-se o vencedor de ocasião, todos cúmplices e identificados com ele. Voltando aos critérios, assim como não há regra alguma na competição pela sobrevivência, todos os artifícios e artimanhas permitidos a fim de eliminar os demais, também nada se sabe das regras que presidiriam a escolha dos pelegantes: corpos bonitos, aparência de astros?, ou seriam critérios menos conhecíveis, e que mostrariam tratar-se de pessoas habituadas à bestialização crescente do nosso socius? Com músculos no corpo e na alma afeitos aos rounds do ringue, onde só a morte, eliminação do sujeito em sua inteireza, quando é jogado ao sem mundo do fora da tela, aos combatentes separa.

No entanto, é vendida como nascimento, essa eliminação de pessoas que fingem fingirem-se personagens para que nada da morte transpire. Anuncia-se o sucesso fácil, a passagem para o estrelato, como se nada do matar ou morrer do mundo televisivo dos dois lados da tela fosse para ser levado a sério. Só o nascimento de estrelas é divulgado, seu apagar-se omitido.

E a presença de um psicanalista no programa? Qual seria o seu sentido? Ocorre-nos que é conhecimento difundido na cultura que a psicanálise visa um mundo mais humano, em que a subjetividade de cada um se faça cada vez mais respeitada e reconhecida. A presença do psicanalista teria possivelmente a função manifesta de avaliar o programa como minimamente contribuindo para a humanização do mundo. Que o programa resulte em justo o contrário e que portanto o psicanalista esteja a serviço da barbárie crescente é um dos seus muitos aspetos enganadores e perversos. O psicanalista, dizem-me, também atua no “confessionário”, aonde é posto, exposto, qual posta de carne sangrando qualquer que tenha sido esmurrado de modo menos negável para si próprio, quando alguma réstia de luz de sua humanidade não suporta mais estar ausente e se revela combalida pelas trevas, e é então que entra o uso original e inovador do confessionário e do psicanalista, neste contorcionismo de todos os valores da cultura. No confessionário, contam-me, alguém que foi alquebrado é reerguido a que possa voltar para um novo round de torturas. Até o insuportável, seu deletamento. Não é uma habilidade que está sendo avaliada, comum em competições de nosso mundo. Não ganha quem melhor conhece geografia, ou cinema, ou que joga melhor tênis, ou nada melhor. Nesses jogos competitivos em que algum talento, capacidade ou idiossincrasia está em jogo, há as regras, os códigos de respeito mútuo e de distinção entre o momento do jogar e o resto da vida, aonde a pessoa continua independente dos resultados transitórios das partidas. O jogador não é a pessoa inteira, sua continuidade temporal de sujeito está poupada da arena. Mas aqui não, é a pessoa toda que está em questão, na sua capacidade de jogar para fora, eliminar por completo, expelir, deletar os demais. E na sua vulnerabilidade de deletável. E é a pessoa no que é quando fala, dorme, come, buscada pela câmara voyeurista quando de guardas abaixadas, a que seja espetáculo para todos no mais íntimo e definitivo de quem ela é, no que dentro

de si é ainda, espera-se, preservado como santuário. E é para lá que o programa atíça os telespectadores, na caça à presa para violentá-la. E para se violentarem, nesta aprendizagem voyeurista-destruidora de fazer objeto de consumo e gozo do que é vivo, humano, pulsátil e genuíno. E para ganhar, os participantes fingem, tramam, fazem alianças para depois rompê-las, na valorização de enganos, porque expostos tentam ocultar-se o quanto possam, para existirem além de espetáculo, mantido algum pique dentro de si aonde esconder da voracidade voyeurista alguma privacidade, algum resquício de dignidade que lhes permita não serem redutíveis à sua imagem e à busca da destruição dos demais.

Ao usar o seu título, o psicanalista engana. Como já enganou no passado, em episódios sombrios em que a psicanálise fez pactos mortíferos com agentes mortuários. O psicanalista engana ao não agir como psicanalista e sim como simulacro de si próprio, cuja função talvez maior no programa seja a de avaliar os crimes como formas normatizadas de conduta em nada condenáveis. E nesta função também entra a dimensão espiritual através de um símbolo reconhecidamente religioso, o confessionário, aqui usado enquanto simulacro dele próprio. São muitas as iscas, e a psicanálise e a religião presentes parecem dar vênias a todos os abusos. Que passam assim a não mais serem percebidos enquanto tal. Vende-se como norma o que teria que ser considerado aberração. Ratifica-se que é para ser assim, o programa exalta o que é perverso no mundo, tranqüiliza possíveis dúvidas e estimula e analtece a competição desabrida aonde matar é apenas uma das armas.

Está-se diante de um pretenso campo para etologistas. Um zoológico para seres humanos naturalizado aonde as grades são menos aparentes e aonde se tenta recriar o habitat dos bichos a fim de que venham a agir o mais naturalmente possível. Só que no zoológico não se estipula que os animais se exterminem uns aos outros. Aqui na televisão, aonde os humanos interagem, há um elemento a mais, o do experimento. Coloca-se o objetivo de dilacerarem-se, esta é a razão de ser confessa do programa, com o beneplácito de autoridades e profissionais que têm voz e nome na cultura. Em tempo real, mata-se. Nada de símbolos por aqui, só os para enganar, já mencionados. Não há máscaras, só as pessoas talvez tentando distanciarem-se o mais possível delas mesmas e dos outros a fim de matar ou morrer sem

que nada lhes doa. Outro chamariz é o de todos decidirem a quem eliminar a cada vez: são juízes os atores (atores deles mesmos, claro) e os expectadores (expectadores deles mesmos?) confundidos com os matadores, aliciados a matarem também, o show não tem limites, o *lager* abrange a todos sem distinção, é o grande campo que incha e traz mais e mais participantes para dentro. Os telespectadores são fígados por assistirem à vida enquanto espetáculo, mimetizando um quotidiano aonde o direito humano básico à vida é cada vez mais tripudiado, e por se sentirem agentes do crime, ao participarem votando da eliminação dos competidores.

O programa normatiza um mundo aonde princípios éticos e a compaixão humana são os grandes ausentes. O que seria situação limite passa a agir como modelo, a gerar comportamentos que se assemelham aos que mostra, por transmitir que é assim, abolindo o que é mais intrinsecamente humano, que o quotidiano chega à “dimensão maior “ de espetáculo.

Como em Salô de Pazzolini, os fascistas de Mussolini, oficiais do inferno, a tudo travestem e tudo usam para perverter os jovens sob seu domínio. E há uma medonha cerimônia de casamento, onde um jovem e uma jovem que se querem são vestidos de noivos e oficia-se uma cerimônia caricata com todos os símbolos. Os oficiais são os fascistas, mascarados de padres, juízes, autoridades. Enganam os jovens a que imaginem que são de verdade autoridades que por eles e pela integridade da vida humana zelam? Tranquilizam a presa para melhor submetê-la? E para melhor gozarem quando da revelação do engodo? Todas as resistências nocauteadas, poderão melhor apoderar-se de suas vítimas. Em Salô, os jovens se protegem um no outro, e vivem sentimentos genuínos de amparo mútuo, de amor, de encontro. Resistem amando-se, trazendo a força do que é incorruptível para o que tinha como intuito conspurcar-lhes o mais profundo e delicado deles, o que os une fazendo-os mundo um para o outro; forçados a se beijarem, beijam-se de verdade; forçados a uma relação sexual pública, encontram em seus sentimentos o que os protege velando-os a que não vissem que são postos em espetáculo para gozo dos torturadores; uma intimidade se cria que é mais forte do que a perversão que visa anulá-la; mas os perversos não desistem: os fascistas travestidos em padres, juízes, testemunhas, no momento em que os jovens estão para selar sua união, anulando os malfeitores, estes irrompem em

cena e os separam, usando o amor dos jovens para conspurcá-lo, violentá-lo, violentando os que se amam, colhendo a flor do amor para destruí-la, dar-lhe o horror da realização do incesto como resultante, literalmente.

É assim o espetáculo. E são muitos os ardis para capturar participantes na tela e participantes na audiência: dizem que é vida que nem ela é, e os jovens querem saber como é a vida, dizem que é divertido, para que se ria, e a vida não divertida de competição pelo direito à vida contra a dos demais passa a ser pensada como divertida. Sexualizada até. O crime é para curtição geral, todos devemos achar divertido que nos matemos uns aos outros. Caricatura-se o crime cotidiano enquadrando-o e fazendo explícito o que norteia os “convívios” na selva das comunidades destroçadas: a eliminação dos outros para a sobrevivência do mais apto, o que melhor elimina, sem escrúpulos, por todos os meios, que nem um ator que nada sente, e que aos outros todos não percebe senão como atores, na pura desubjetivização.

E estão ao abandono os expectadores: os que têm um pouco mais de posses ou de interesses culturais, os denominados intelectuais e os que ainda acham que se deve protestar contra a desumanização, os ainda não totalmente cínicos, na sua maioria migraram para a NET ou outras tevês a cabo, e não vêm a Globo nem programas de Sílvio Santos. E os jovens cativos do Big Brother lá estão sendo consumidos por uma caricatura mais convincente do que o que está sendo caricaturizado, a autorizar mais horrores, com o beneplácito da psicanálise na pessoa de um seu representante, e da Igreja católica, na pessoa de um não seu representante. Mas não tenho lido protestos dessas entidades. Desconhecem o que está acontecendo ou não querem perder clientela fiel criticando a coqueluche dos “alegres” assassinatos?

Os donos da televisão distorcem a seu bel prazer sua audiência. Ao fazerem caricatura da ausência de direitos humanos básicos na selva das cidades, aprisionam os que pensam assim aprender formas de sobrevivência. Seria a aprendizagem de como melhor se valer da licença para matar. De que modo ser, com que fingimentos, para melhor se safar. O experimento em última análise é feito sobre a platéia; coloca-se em cena um crime, para observar efeitos. Se aceito e consumido, normatizado, passa-se para outro pior. Assim molda-se o telespectador. Promove-se e se intensifica a barbárie. Os que não se adaptarem, os que se recusarem a este jogo, serão logo deletados.

Escrevo sobre o programa Big Brother com apenas poucas ocasiões de tê-lo visto, não quis forçar-me a vê-lo mais, mas sei que o pouco tempo em que o assisti bastou para perceber que há razão de alarma e de alerta para todos nós. Sobretudo enquanto psicanalistas, porque nomeia-se a psicanálise para avalizar a barbárie.

* Esta é uma versão modificada do artigo do mesmo nome publicado na Revista Pulsional, número 159, julho de 2002.